

Apresentação

Dossiê 1968: Embates e Utopias

MovimentAção: Vol. 5, No. 9 (2018)

Neste ano tem sido recorrente, em publicações e eventos acadêmicos, as lembranças acerca dos acontecimentos de 1968. Em uma definição simples, pode-se afirmar que se trata de um ano em que se viu uma onda mundial de revoltas, em todos os continentes, contra os mais variados modelos políticos e econômicos. Em 1968, segundo Robert Stam (2003, p. 154), “todos participaram de uma revolta global contra o capitalismo, o imperialismo e o colonialismo, e também contra as formas autoritárias de comunismo”. Esses diferentes processos trouxeram profundos impactos sociais, políticos e culturais em todo o mundo.

Em âmbito internacional, o processo mais lembrado é o chamado Maio Francês, que mobilizou trabalhadores e estudantes na França. Segundo Alan Woods (2018, p. 33), “a efervescência entre os estudantes era apenas a manifestação mais evidente do descontentamento da sociedade francesa”, afinal, “apesar do auge econômico, os empresários franceses haviam aplicado uma pressão violenta sobre os trabalhadores”. Havia entre os trabalhadores franceses, como entre os estudantes, “um enorme acúmulo de descontentamento, rancor e frustração” (Woods, 2018, p. 33). Enfatizando as mobilizações de juventude, Olgaria Matos (1989, p. 55-6) aponta que uma “crise social” foi gestada, sendo “vívuda no mundo estudantil como uma rebelião contra a universidade”, constituindo-se em “portadora de uma crítica política da sociedade”.

Em outros países os estudantes também protagonizaram lutas das mais diversas. No México, como resposta a uma greve estudantil iniciada meses antes e que reunia dezenas de milhares de estudantes, o governo mexicano promoveu um massacre onde foram mortas cerca de quinhentas pessoas e outras duas mil ficaram feridas, no evento que ficou conhecido como Massacre de Tlatelolco, em 2 de outubro de 1968. Nos Estados Unidos, em grande medida associadas à luta por direitos civis, amplas mobilizações estudantis exigiam o fim da guerra

do Vietnã (Matos, 1989, p. 26-7).

No chamado Leste da Europa, se questionava o modelo de socialismo burocrático. Na Tchecoslováquia, desde o ano anterior, intelectuais exigiam a democratização do regime. Essa luta foi encampada por estudantes e pelos trabalhadores, que levaram inclusive a uma renovação no controle do partido e do Estado. Esse processo, chamada de Primavera de Praga, viria a ser interrompido pela ocupação militar encabeçada pelas tropas do Pacto de Varsóvia, em agosto de 1968 (Broué, 1979, p. 34). Essa instabilidade política foi vivida também em outros países da região, como a Polônia.

Portanto, apresentando diferentes características, espalhou-se pelo mundo um conjunto de mobilizações que foram desde os países capitalistas avançados até os periféricos. Essa onda internacional também chegou nos países onde o capital havia sido expropriado, em especial na Polônia e na Tchecoslováquia. Pode-se afirmar que a unidade mundial da luta de classes se expressou na revolução social contra o capital e na revolução política contra a burocracia que havia usurpado as bandeiras do socialismo.

O Brasil não esteve fora desse processo. Passados os primeiros anos da ditadura, em que os movimentos sociais e as esquerdas passaram por um processo de reorganização, ocorreram grandes mobilizações em 1968. Ao assassinato do estudante Edson Luis se seguiu a Marcha dos Cem Mil. Naquela conjuntura, ocorriam também greves operárias, como as de Osasco e de Contagem. O governo ditatorial encontrava dificuldade para implementar seus ataques no Congresso Nacional. Contudo, o processo de mobilização social acabou sendo interrompido, no mês dezembro, por um mecanismo legal que dava poderes repressivos quase ilimitados aos ditadores, o Ato Institucional Nº 5.

O presente dossiê reúne textos que apresentam não apenas o conjunto de mobilizações que se espalhou pelo mundo, como mostra a diversidade de seus sujeitos e a pluralidade de ideias e perspectivas que expressavam. Procura-se em processos como o francês e tcheco mostrar as contradições das direções políticas que estavam à frente das lutas então travadas por trabalhadores, estudantes e intelectuais. Além disso, a juventude, protagonista dessa onda internacional de lutas, é cuidadosamente analisada a partir de diferentes aspectos. Por fim, não se poderia deixar de analisar a repressão sofrida por aqueles movimentos sociais e políticos, promovida tanto pelo Estado burguês, com seus mecanismos legais, bem como pelas castas burocráticas stalinistas, desesperadas pela ameaça à sua dominação. Completam ainda este número da revista *Movimentação* artigos com tema livre e resenhas.

Mateus Gamba Torres
Professor Adjunto II da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, em exercício na
Universidade de Brasília – UNB. Doutor em História pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul- UFRGS. Email: mateustorres@unb.br ou gambatorres@gmail.com.

Michel Goulart da Silva
Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua no Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC).

Referências

BROUÉ, Pierre. **A primavera dos povos começa em Praga**. São Paulo: Kairós, 1979.

MATOS, Olgária. **Paris 1968**: as barricadas do desejo. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas: Papyrus, 2003.

WOODS, Alan. A revolução francesa de maio de 1968. **América Socialista**, São Paulo, nº 12.